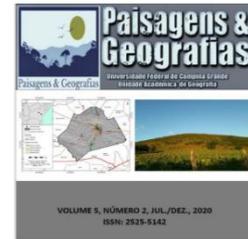




ISSN: 2525-5242

REVISTA PAISAGENS
& GEOGRAFIAS

*Landscapes &
Geographies Journal*



VIOLÊNCIA E MEDO DO CRIME: UMA TIPOLOGIA NO TERRITÓRIO DO BAIRRO FELIPE CAMARÃO EM NATAL/RN

Emilly Domingos da SILVA¹
Eugênia Maria DANTAS²

1. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: emillydoomingos@gmail.com.
2. Professora Titular do departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: eugeniadantas@yahoo.com.br.

RESUMO

Propõe-se aqui reflexões sobre o fenômeno da violência, do medo do crime e as novas ramificações da cidade. Partindo da ideia de que a cidade é um locus produtor e reproduzidor das relações sociais, cada sociedade produz seus territórios, e essa emergência será expressa no espaço. Deste modo, para desenvolver a tese proposta, utiliza-se como campo de análise o bairro Felipe Camarão, visando identificar a reconfiguração territorial do bairro, levando em conta o fenômeno da violência e do medo do crime. A partir da tese central segue-se para as novas formas de segregação espacial criadas pela busca exacerbada por segurança.

Palavras-chave: Violência, Medo do crime, Território, Cidade.

RESUMEN

We propose reflections on the phenomenon of violence, fear of crime and the new ramifications of the city. Starting from the idea that the city is a producer and reproducer locus of social relations, each society produces its territories, and this emergence will be expressed in space. Thus, to develop the proposed thesis, the Felipe Camarão neighborhood is used as a field of analysis, aiming to identify the reconfiguration of the territorial in the neighborhood, taking into account the phenomenon of violence and fear of crime. From the central thesis follows the new forms of spatial segregation created by the exacerbated search for security.

Keywords: Violence, Fear of crime, Territory, City.

1. INTRODUÇÃO

O espaço urbano citadino carrega as marcas de eventos (i)materiais, dentre esses destacamos aqui o processo de expansão urbana, irregular e “desorganizado”¹, característicos dos países do Sul que carregam em sua “epiderme” as marcas das desigualdades socioespaciais que foram causadas em seu devir histórico. Tal processo corrobora para que parcelas desses espaços apresentem dinâmicas desiguais e irregulares, o que pode respaldar movimentos de expansão espacial regidos por recursos violentos e pela ascensão do medo do crime e da constante sensação de insegurança. Tal contexto afeta os centros urbanos e a sociedade em geral, que de modo disperso visa encontrar estratégias para se resguardar.

A violência e o medo do crime afetam diretamente a composição territorial citadina, sendo estes fenômenos um dos responsáveis pelo individualismo e o isolamento do homem, que se encontra cada vez mais recluso, evitando espaços públicos e o convívio coletivo. Segundo Tuan (2005, p. 231), “a cidade representa a maior aspiração da humanidade em relação à ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais”, mas, com o passar do tempo “a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos” (TUAN, 2005, p. 251).

Os grandes centros urbanos são assombrados pela expansão da violência e conseqüente medo do crime. Natal/RN se insere, nesse contexto, apresentando bairros com altos índices de Crimes de Violência Letal Intencional (CVLIs), e a presença do crime organizado, que ocupa os vazios de poder deixado pelo Estado e passam a exercer influência sobre um determinado território. O bairro Felipe Camarão, inserido na Zona Administrativa Oeste da Capital do RN, tem se configurado um espaço em que o fenômeno da violência e o medo do crime influenciam na reconfiguração do recorte territorial. Através dele, buscamos compreender de que forma isso acontece, na perspectiva de refletir sobre o lugar na malha citadina.

Para alçar o objetivo posto, privilegiou-se o levantamento bibliográfico que resultou na sistematização de ideias tendo como base autores como BAUMAN (2005), TUAN (2005), BAYER (2016), MELGAÇO (2010), SANTOS (2014), HAESBAERT (2006), RAFFESTIN (1993). A pesquisa empírica (efetuada através das explorações em campo) mostrou-se um instrumento fundamental para compreender as dinâmicas do bairro Felipe Camarão, tal etapa corroborou para o mapeamento do fenômeno (o mapa de espacialização dos CVLIs e a divisão simbólica do bairro Felipe Camarão). Para isso, utilizou-se técnicas de geoprocessamento através do uso de SIG (ArcMap 10.5.1), contando com

¹ Cada espaço vai seguir sua própria lógica organizacional como, por exemplo, a lógica de organização capitalista, onde o espaço é transformado em mercadoria e a cidade passa a ser vista como fonte de lucro.

dados do IBGE 2015, Google Earth Pro e do Observatório da Violência Potiguar 2019, organizado por Hermes e Brandão.

O trabalho encontra-se subdividido em três seções. No primeiro momento, discutiremos sobre o direito à cidade, levando em consideração os aspectos de segregação e agentes que influenciam esse processo. No segundo momento, será analisado o conceito de território, evidenciando as nuances do vivido junto ao fenômeno da violência e o medo do crime. E, por fim, será analisado o bairro Felipe Camarão e suas ramificações a partir da tipologia territorial local.

2. Cidade Fraturada por agentes de violência e medo do crime

A cidade representa a utopia de liberdade e autonomia para os mais pobres, sendo vista como um instrumento de transformação no modo de vida; tal ideia é gerada por processos sócio-históricos que atestam, as grandes cidades como ponto de partida para uma mudança significativa nos status socioeconômicos e que ao trabalhar duro você alçará tal conversão. O que se mostra como uma falácia, pois, ao enfrentar essa transição a maior parcela desses acabam trabalhando horas mal remuneradas, sendo usados como peões até a exaustão, ou simplesmente são convertidos em exército de reserva. O que nos revela a face violenta que opera de forma sistêmica provocada pelo sistema capitalista. Tal ciclo contribui para o movimento dialético do espaço urbano, transformando as cidades em território da esperança, esse contexto se instaura e modelam esse espaço a partir da teia de interesses próprios da capital.

Segundo Bauman (2005), as cidades contemporâneas enfrentam um movimento dualista, pois é nas grandes áreas urbanas que se concentram as funções mais avançadas do capitalismo, que se estruturam em rede, cujos núcleos são justamente os centros globais. Porém em contrapartida, as cidades tornam-se objeto de intensos fluxos populacionais gerando uma redistribuição da renda, sendo essas nos bairros de classe alta, com a fomentação de uma elite mundial móvel e altamente capacitada, ou nos bairros pobres, com a ampliação das periferias e mazelas socioespaciais.

Desse modo, os bairros centrais se tornam altamente valorizados, tornando-se objeto de desejo, sendo esses instrumentos de modificação na tessitura territorial, pois seguem os interesses do capital. A elite que se instala busca a higienização desses espaços expulsando os indesejáveis para outras áreas, ou seja, as periferias marcadas por inúmeros processos, como a falta de saúde, educação e saneamento, direitos básicos garantidos pela Constituição. Entretanto tais prerrogativas não são cumpridas o que corrobora para que essas parcelas da cidade se tornem degradadas e marginais aos olhos da sociedade, pois, não apresentam os requisitos necessários para que haja o gozo da cidadania.

Visando explicitar a utilização do termo “Indesejável”, citamos Agamben (2007) que remete-se ao termo *Homo Sacer*, sendo esse o termo mais antigo utilizado no direito criminal Romano, onde há o reconhecimento da sacralidade do indivíduo, porém sua morte é autorizada. Qualquer um poderia matar impunemente, entretanto, esse não deveria ser levado a morte na forma de rito (Sacrifício);

O termo *Homo Sacer* significa uma vida sacrificável e matável. O *Homo Sacer* é um homem sacro, porém não possui características de divindade, sendo este, completamente despido das características humanas essenciais e comuns a qualquer ser humano. Segundo Agamben (2007, p. 112) “o *Sacer* se consubstancia de um indivíduo que é impuro e que por este motivo não é nada além de uma vida nua, vida fisiológica”, sendo assim o que define a condição de um *Homo Sacer* não é a sacralidade que lhe é atribuída e sim o caráter ambíguo de exclusão e da violência ao qual está exposto.

O *Homo Sacer* – pode ser equiparado a uma estátua viva segundo Agamben (2007) onde uma relação simbiótica com a morte é desenvolvida, porém sem pertencer ao mundo dos mortos sendo permitidos levarem apenas suas vidas nuas. No Brasil é possível encontrar esses campos de vidas nuas nas periferias e comunidades. Onde encontram-se amontoados de “seres humanos” que não desfrutam de ambientes sadios, convivendo com a miséria e mazelas sociais subjugadas há uma vida sacralizada, sendo exemplos da violência simbólica institucional carregando uma vida que é irrigada pela falta de estrutura.

Esse *Indesejável* é marginalizado e banido onde a estrutura sistêmica o permite ter apenas um local para viver, onde sua vida nua deve ser mantida, entre as quatro paredes repelidas dos olhares dos Cidadãos, em seu espaço de exceção. Segundo Caponi (2004):

A esse “corpo espécie” não lhe correspondem outros direitos mais que sua natalidade, sua reprodução e sua morte. Ela pertence inteiramente ao registro biológico da pura corporeidade. Conseqüentemente suas conquistas e lutas prescindem de argumentos e devem estar fundamentadas na aceitação passiva de ordens ou na violência e na força. (Caponi, 2004, p. 453)

Desse modo os *Indesejáveis - Homo Sacer* - tem uma vida despida de direitos e crivadas de deveres, esses se encontram confinadas nos lugares em que são permitidos viver, sendo usados para servir uma parcela “superior” dos cidadãos e ao finalizar são devolvidos às suas vidas nuas, pois não são pertencentes a esses lugares.

Atualmente, vivemos um processo que beira a histeria coletiva dirigida pela violência e medo do crime. Na busca desenfreada por segurança, a segregação do espaço se tornou um efeito colateral e marcante, pois tal processo é visto como um remédio para a ameaça e o perigo iminente causados pela violência. Parcelas espaciais homogêneas, sem a presença dos indesejáveis, são justificadas pela busca por segurança, quando na verdade esses espaços higienizados têm claramente a intenção de dividir, segregar, excluir, resguardar apenas àquele nicho populacional específico, e não de criar pontos seguros para todos.

Em contrapartida os mais ricos monopolizam recursos e buscam se defender criando verdadeiros espaços de higienizados buscando proteção irremediável por meios de contratação de empresas privadas de segurança, instalação de câmeras, cercas elétricas, alarmes ou deslocam-se para áreas mais “seguras”, como os condomínios fechados e tecnificados. Buscam definitivamente uma esfera

seletivamente reclusa e recoberta por aparatos tecnológicos para seu próprio amparo. Os Homo Sacer são forçados a continuar onde estão já que não têm recursos para se proteger nem mudar-se para outras áreas. Sendo assim, essas pessoas são obrigadas a suportar as repercussões negativas como roubos, assassinatos ou a falta de estrutura básica que instauram-se nesses territórios, o que gera a difusão latente da sensação de insegurança e do medo do crime, impulsionado pela constante tensão de ser vítima do fenômeno da violência e ser afetado de forma irreparável.

Para Bauman (2005), a cidade:

torna-se ameaçada em suas fundações, pois o tecido social é submetido a intensas pressões que produzem uma verticalização crescente: os ricos tendem a se tornar ainda mais ricos, desfrutando as oportunidades disponibilizadas pela ampliação dos mercados, enquanto os mais pobres afundam na miséria, destituídos de sistemas de proteção social. (Bauman, 2005, p. 3)

O fenômeno da violência é um permanente devir, pois a violência e o medo do crime marcam as mudanças na cidade, enfatizando novas formas de segregação espacial e social. Nas últimas décadas, as grandes cidades vêm sofrendo com a ameaça constante que afeta diferentes grupos sociais de formas distintas. Como nos coloca Bauman (2005, p. 42), "(...) cidades são laboratórios nos quais se descobrem, experimentam e aprendem certos requisitos indispensáveis para a solução dos problemas". Viver nas grandes cidades passou a ser um ato de resistência e bravura na atual tessitura espacial movida pelo capital e interesses próprios de outrem. Dessa maneira, no contexto contemporaneidade crivado pelos eventos de violência, busca-se irremediavelmente formas mais toleráveis de coexistir com o medo, mas a cada empreitada acaba-se por produzir novos medos. Pessoas inocentes viram agressores em potencial e passam a correr riscos, encontram-se aterrorizados por tornarem-se um alvo em potencial.

A dinâmica a qual estão sujeitos os grandes centros urbanos faz com que alguns grupos precariamente incluídos utilizem a violência e o medo do crime como instrumento de poder através do controle e repressão. Há uma crescente tendência a sentir medo e uma compulsão por segurança na busca pela segurança plena, para Bauman (2005, p. 12), ao "(...) percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mal e premeditado, o que implica a existência de algum delinquente". Pode-se concluir que a insegurança é caracterizada pela violência, medo do crime e dos criminosos. Mas o que é violência?

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), violência é:

Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al., 2002, p. 5).

A violência apresenta um conceito ambíguo, hermético, composto por inúmeros componentes empíricos e teóricos. Para Pavian (2016), a etimologia do termo violência vem do latim, que significa o

ato de violar outrem ou de se violar, indicando algo fora do estado natural, ligado ao ímpeto. De maneira abstrata, a violência é entendida como o antônimo à liberdade e à vontade de um indivíduo, residindo nisso a dimensão ética. A exemplo disso, pode-se citar o preconceito e a violência racial, que se utiliza da diferenciação da coloração da pele para justificar as disparidades sejam elas salariais, criminalização e até perseguição de grupos. O apartheid, que aconteceu na África do Sul, é uma concretização dessa violência cultural, onde a nação foi subdividida pautada na crença da supremacia branco. Tenório e Pimentel (2002) afirmam que cada cultura e sociedade é quem vai indicar os significados e sentidos de violência, cada sociedade constrói aquilo que é tolerável.

É necessário compreender as nuances que a violência carrega consigo, pois tal fenômeno encontra-se mistificado entre os diferentes níveis sociais, nas grandes e pequenas cidades, nas ruas, no trabalho, na escola, no lazer, na televisão, na internet e entre tantos outros locais. Violência, de acordo com Galtung (1969, p. 168 apud Palhares e Schwartz, 2015, p. 15), é um fenômeno em que “a causa da diferença entre o potencial e o real, entre o que poderia ter sido e o que é”. Sendo assim, há situações objetivas que impossibilitam um indivíduo de alcançar seu potencial total, pois a violência tem estopim na diferença entre situações, sendo o confronto entre as situações reais e potenciais. Para Galtung (1969), conforme citado por Palhares e Schwartz (2015), existem três tipos de violência: a violência direta, estrutural e cultural.

A violência direta diz respeito à relação sujeito-ação-objeto, ou seja, é um fenômeno passivo de observação como, por exemplo, um assalto ou briga. Quanto a violência estrutural, é aquela que se estabelece através da estrutura social, como as situações de vulnerabilidade a qual os indesejáveis estão expostos. E, por fim, a violência cultural, que está ligada à xenofobia e outros preconceitos para com os “estrangeiros” e tudo aquilo que se considera inadequado para os padrões culturais de determinada localidade, como por exemplo, quando determinado indivíduo afirma que baiano é preguiçoso. Uma fala preconceituosa carregada de xenofobia.

O discurso propagado sobre a violência e o medo do crime ratifica as formas espaciais de segregação, como a construção de muros, instalação de câmeras e cercas elétricas e concertinas que agem de forma a reformular o panoptismo, amplamente estudado por Foucault. Na epiderme desse fenômeno segregativo encontram-se marcas como o preconceito racial, étnico e de classe, que fazem menções estigmatizadas aos pobres e marginalizados. Desta forma, a circulação desse discurso colabora com a propagação de práticas de fragmentação social. Para Caldeira (2003)

as formas de exclusão e encerramento sob as quais as atuais transformações espaciais ocorrem são tão generalizadas que se pode tratá-las como parte de uma fórmula que elites em todo o mundo vêm adotando para reconfigurar a segregação espacial de suas cidades (Caldeira, 2003, p. 2).

A autora afirma que o crime tece uma rede simbólica no mundo, que culmina elaborando preconceitos e taxando certos grupos como perigosos. O espaço é fracionado de modo simplista entre bem e mal, criminalizando os pobres. Tal discurso de criminalização torna-se difuso na vida dos afetados (os pobres), fazendo com que as próprias vítimas reproduzam este discurso.

3. Território e as ramificações do fenômeno da violência e do medo do crime

A etimologia da palavra *território* está ligada ao domínio da terra, ao direito à propriedade, conforme Haesbaert (2004). A essa definição agrega-se o sentimento de opressão, temor, incertezas e dúvidas quanto a sua manutenção e proteção de invasões alheias. O território define-se por uma base material apropriada, estando, portanto, sujeito às variações dos processos de controle, domínio, poder e dependência dos seres no espaço, segundo Haesbaert (2004). Deste modo, a perspectiva territorial evidenciada neste texto decorre das variações fenomênicas da violência e do medo do crime configurando processos de apropriação perpassando o do bairro de forma cada vez mais marcante.

Partindo das relações sócio-históricas e das relações de poder que constituem a sociedade, podemos relativizar o conceito de território, este que é local de relações - como nos coloca Raffestin (1993) - e não apenas de delimitação, procedente do espaço e, portanto, tornado visto/vivido. O enfoque à noção de territorialidade reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial, a condição de ser território enquanto representação simbólica. Isso se traduz nas ações dos indivíduos ao limitarem determinados espaços de vida à sua esfera de poder por meio da dissuasão da violência enquanto afetação, do medo enquanto sensação tornada intrínseca à cotidianidade, do constante sentimento de insegurança que atordoia àqueles que se encontram dentro desta esfera limitante. Entende-se, portanto, a ação de territorialização a partir do recorte espacial - tanto simbólica quanto morfológicamente perceptível - resultante dessa dinâmica de apropriação do espaço por meio de uma prática. Assim sendo, “cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações (...)” (RAFFESTIN, 1993, p. 162).

Como percebe-se, o território, por estar em um espaço permeado de relações torna-se relacional, dinâmico e fluido. Esse movimento territorial permite a existência de ramificações que se espraiam por nossa realidade enquanto fenômenos, já que na perspectiva relacional o território é constituído por interações dos múltiplos fatores do espaço. Desse modo, a associação da violência e o medo do crime se manifestam em nosso entorno, seja de modo material ou subjetivo.

O bairro Felipe Camarão, se constitui enquanto um território do medo do crime, tornando suscetível frente aos agentes do crime, que reordenam esse território em favor da disseminação de sua dominação, criando divisões simbólicas espacialmente margeadas pelos moradores dessa localidade. É

o que Haesbaert (1997) propôs chamar de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem sendo essa uma forma de apropriação. Evidente que nenhum território se explica por si só, fato que justifica nossa análise acerca não só da localidade, por ela ser periférica, mas também em busca dos que podemos chamar de perpetradores das ações criminosas que influem sobre esta territorialidade, cerne de nossa problemática, implicando em uma reestruturação territorial não apenas vista, mas vivida cotidianamente pelos indivíduos ali presentes.

4. Evidências empíricas do processo de fragmentação no bairro Felipe Camarão

Natal-RN apresenta bairros onde ocorre uma maior concentração de crimes de violência letal intencional (CVLI). Nos últimos anos, a cidade passou a integrar o quadro das mais violentas do país, segundo o Observatório da violência Potiguar 2019, organizado por Hermes e Thadeu. Para compreender-se tal quadro se faz necessário conhecer as dimensões territoriais de Natal – RN, levando em conta suas delimitações zonais e limites fronteiriços entre bairros.

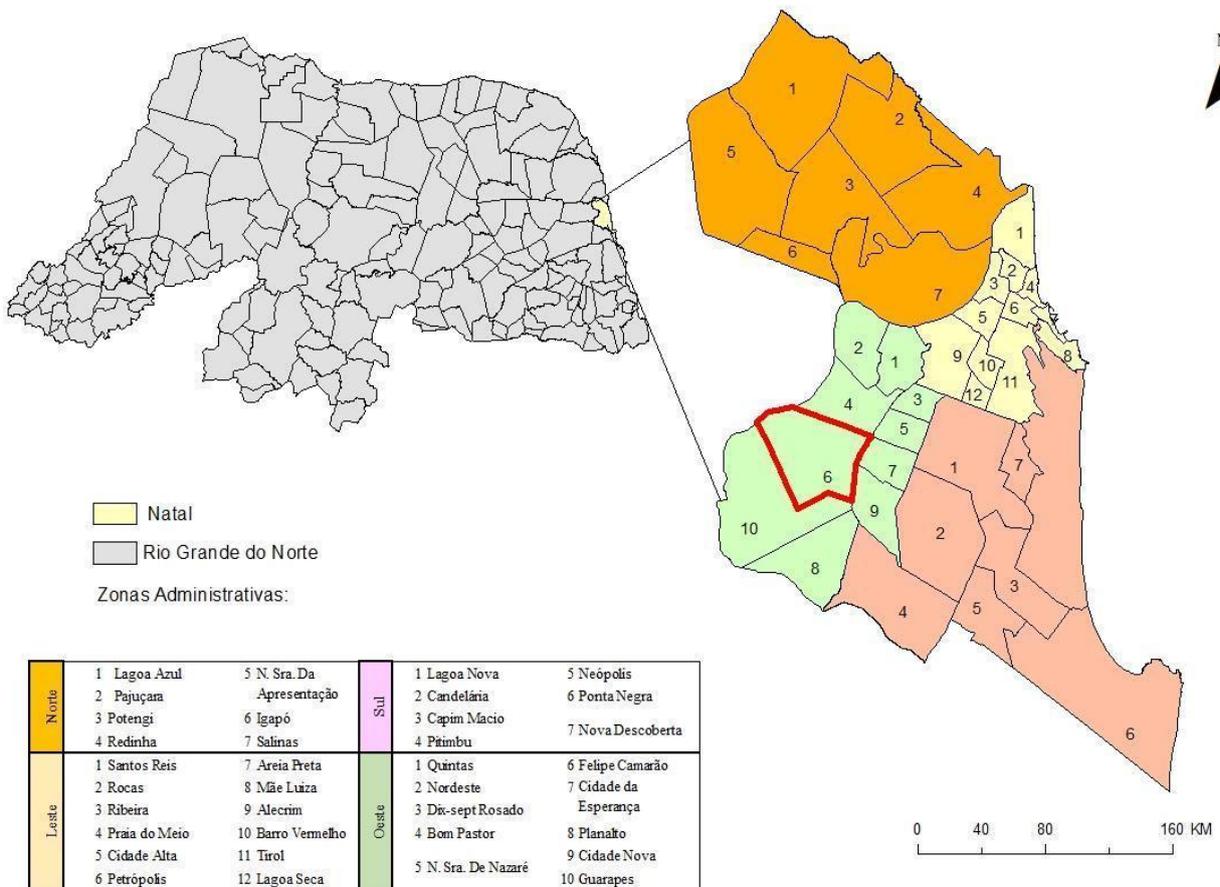


Figura 01: Zonas Administrativas e bairros de Natal – RN.

Fonte: IBGE 2010.

Natal encontra-se dividido em quatro Zonas Administrativas, sendo estas, Norte, Sul, Leste e Oeste. Apresentando 167,401 km² de extensão territorial, e subdividido em 36 bairros, segundo o IBGE Minha Cidade - 2019. Para adentrarmos as múltiplas realidades que abarcam Natal, deve-se compreender que as maiores taxas de crime de violência letal são evidenciadas nas zonas Norte e Oeste. Essas áreas são tidas como as mais violentas e mais precárias da cidade evidenciando fatores como: baixos índices de qualidade de vida, baixa renda, defasagem da educação pública, desemprego latente, ausência ou insuficiência do sistema de esgotamento sanitário, inexistência de unidades de saúdes equipadas (tanto com profissionais da saúde como com aparelhagem) e outros itens básicos. Para assimilar a disparidade do fenômeno da violência entre os territórios citadinos foi elaborada a figura 02, onde há uma espacialização dos índices totais dos crimes de violência letal intencional, isso é assassinatos planejados, entre 2011 e 2018, durante o período de oito anos.

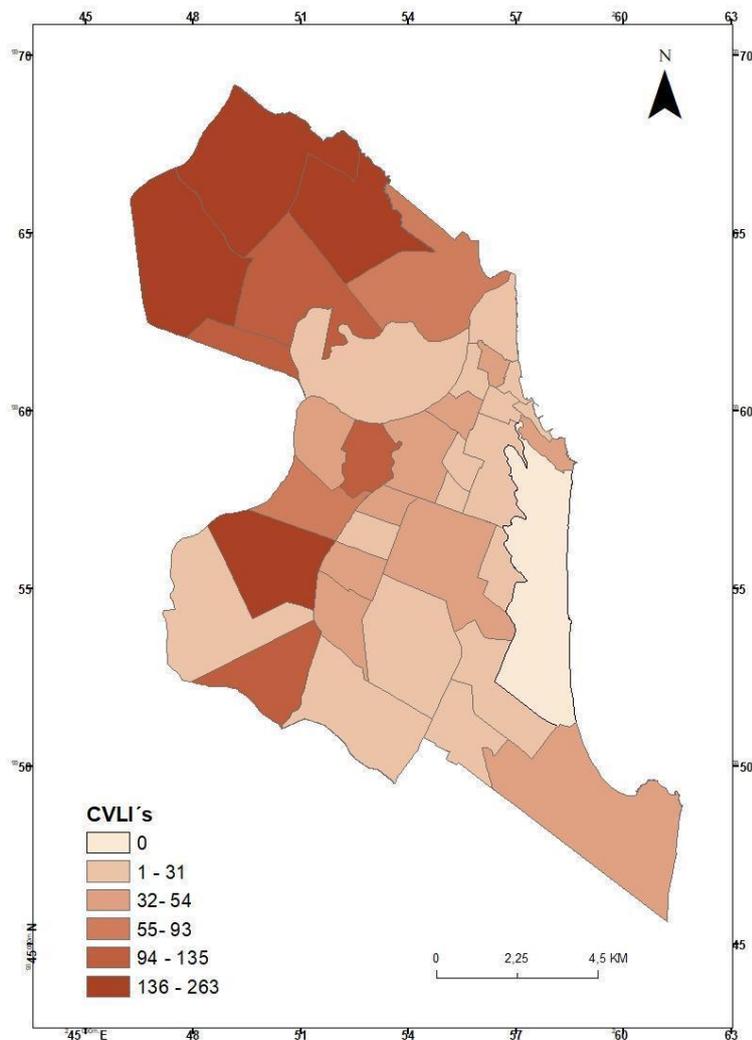


Figura 02: Espacialização dos Índices de CVLI nos bairros de Natal – RN.

Fonte: IBGE 2010; OBVIO 2018.

É possível verificar que os bairros mais afetados pelos crimes de violência letal intencional no período estão situados na Zona Norte e Oeste de Natal. Onde a população é predominantemente de baixa renda segundo o IBGE – 2010, em tais locais há a presença latente do crime organizado, que se instala devido a ausência do Estado ². Desse modo, agentes do crime passando a dominar esses territórios exercendo um jogo de poder com o Estado, que é instituído através do uso da violência e do medo do crime que são usados como trunfos de dominação territorial. Ou seja, quem exercer mais pressão sobre esse território ganha poder e domínio do local.

Segundo os dados coletados no Observatório da Violência Potiguar – 2019, de 2011 a 2018 foram contabilizadas 4.236 vítimas de CVLI por número absoluto em Natal. Sendo 190 registrados em Felipe Camarão tornando o segundo bairro com mais índices de CVLI em Natal, ficando atrás apenas do bairro de Nossa Senhora da Apresentação situado na Zona Norte. Felipe Camarão é um dos bairros mais violentos da capital, ainda de acordo com o OBVIO - 2019 54 % dos acometidos pelo CVLI tinham entre 18 e 30 anos, 176 das vítimas dos crimes de violência letal eram Negros e Pardos o que representa 93% do total dos Crimes no bairro de Felipe Camarão.

Elementos como a violência e o medo do crime se espraiam pela cidade de Natal/RN criando novas formas no território. Na busca por evidenciar tal processo, destaca-se aqui o bairro Felipe Camarão. Segundo a Secretaria do Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB, 2009), o bairro tem sua história atrelada ao rio Potengi, pois ali se constituía uma vila de pescadores no início do século XX. O bairro tem seu processo de expansão sem planejamento, o que corrobora para os problemas atuais, tendo em vista que a área foi loteada e vendida na década de 1950 e somente em 1968 foi transformada em bairro, sendo incluído no perímetro urbano de Natal, impulsionado por políticas empreendidas durante o Regime Militar Brasileiro.

Tendo em vista que o território não é um aglomerado estático, homogêneo e contínuo, pois este encontra-se em constante movimento e renovação. E ao ampliar a escala de análise fomos capazes de encontrar pluralidades e singularidades dentro do recorte do bairro de Felipe Camarão, características que o tornam único. Cada marca gravada na epiderme do lugar torna-o uno e múltiplo ao mesmo tempo e na busca para compreender essa realidade local e quais eventos corroboram para que o fenômeno de violência e o medo do crime instauraram-se no bairro, foram efetuados recortes na tessitura do bairro levando em conta relatos dos moradores e como produto obteve-se a figura 03 .

² O Estado está consciente das necessidades e anseios dos moradores locais no tocante à infraestrutura, saúde, educação, segurança..., porém se faz insuficiente ou ausente em suprir essas demandas;

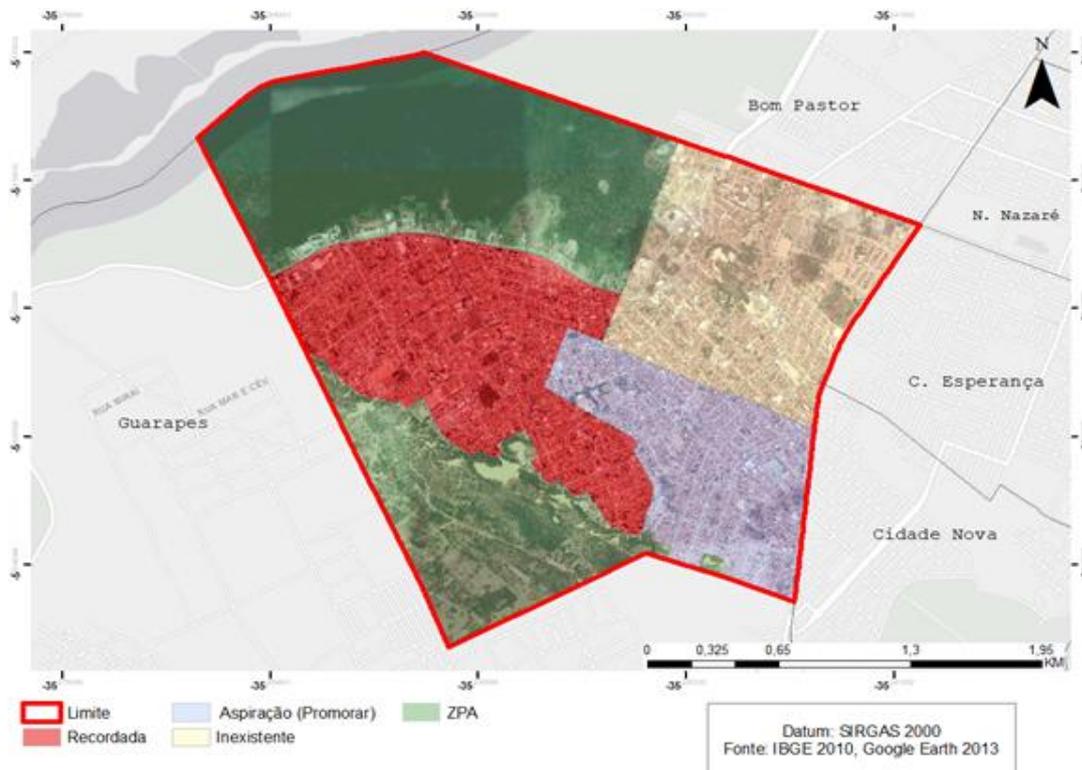


Figura 03: Divisão Simbólica de Felipe Camarão.
 Fonte: IBGE 2010; Google Earth 2013

Os moradores foram peças fundamentais para a elaboração desta categorização, sendo o bairro dividido em: a Felipe Camarão *Recordada*, a *Aspiração* e a *Inexistente*. Vale ressaltar que essas nomenclaturas foram escolhidas buscando ressaltar as singularidades de cada fragmento. O recorte denominado como Recordado remete-se àquela imagem sócio-territorial que transpassa as fronteiras de Felipe Camarão e culmina por taxar todo o bairro, de acordo com suas características muitas vezes negativas. A *Aspiração* está atrelada ao imaginário do morador, esse é o recorte que apresenta uma dinâmica de sociabilidade entre a vizinhança e aspira-se que tal dinâmica transpasse todo o bairro. O último recorte, *Inexistente*, é o recorte que é esquecido e invisibilizado pela própria população do bairro.

A Felipe Camarão *Aspiração (Promorar)* está atrelada à expansão da cidade, sendo essa fração do bairro inicialmente ocupada por imigrantes vindos do interior do Estado, que buscavam uma nova vida na capital. Tal parcela apresenta uma relação distinta entre a exercida pelo Poder Estatal; há nesse fragmento uma relação com as formas simbólicas, ligadas à forma que o espaço é vivido e percebido pelos moradores. E assim surge um retrato de um local modelo, ou seja, a *Aspiração*: onde há o convívio mais intimista com a vizinhança, há a presença de pessoas conversando nas calçadas e crianças brincando na rua, sendo atribuído a esse aspecto a formação de uma imagem mais acolhedora. Tal perspectiva aproxima-se de Souza (1989, p. 6) que tratou o “bairro como algo que deve sua realidade à qualidade de seus habitantes e às relações que eles mantêm”. Ou seja, as subjetividades dos indivíduos vão influenciando e sendo influenciada pelo nicho de vivências a qual esse sujeito é exposto no seu cotidiano, sua relação com seu bairro, seu lugar no mundo.

Estes movimentos que ocorrem nesse espaço constroem a ideia de um local mais acolhedor e seguro, tendo em vista as dinâmicas de prevenção de violência e medo do crime que se propagam espacialmente e criam enclaves fortificados, cercados por altos muros, cercas e câmeras. Nessa fração de Felipe Camarão há um menor número de crimes de violência letal intencional, as pessoas se sentem mais acolhidas e protegidas pela relação mais intimista que se estabelece com as próprias pessoas e com o próprio território. Uma moradora da *Aspiração* relatou o seguinte: "(...) eu me sento na calçada pra conversar, pra olhar a rua, mas tenho medo sim! Às vezes aparece uns home estranho, que não é gente boa. Ai eu entro pra dentro". Desta forma, entende-se que Felipe Camarão *Aspiração* como um território, onde os processos que se dão em outras parcelas da cidade o atingem, mas em proporções e desdobramentos diferentes.

A Felipe Camarão *Inexistente* diz respeito ao fragmento do bairro que foi deixado à margem, tanto pelo Poder Estatal quanto pelos próprios moradores. Tal zona é uma das mais carentes de infraestrutura, apresentando ruas sem pavimentação, falta de assistência médica, coleta seletiva, água encanada e etc. Esse fragmento do bairro é um dos mais excluídos, apresentando processos de Favelização como, por exemplo, a favela da Torre, onde não há estrutura mínima e as pessoas vivem em barracos em condições insalubres.

Tal parcela do bairro se mostra como uma das mais vulneráveis, sendo reflexo da segregação e desigualdades sociais que regem o espaço. Neste fragmento há uma concentração de mazelas sociais que afetam os moradores através da materialidade (fruto da falta de estrutura básica para viver, e os agentes do crime que se territorializam e passam a reger esses territórios) e da imaterialidade (o medo, a violência e o preconceito que afetam os moradores de forma irreparável). Uma moradora desse recorte afirmou o seguinte: "Sou moradora de um dos piores bairros da capital (...). Quando menor, me chamaram de pretinha favelada, cabelo de bombрил, essas coisas...". Entende-se que Felipe Camarão *Inexistente* é um território que carrega consigo as marcas da segregação que fragmentam esses locais através de processos disformes regidos por interesses próprios.

E, por fim, a Felipe Camarão *Recordada*. Essa parcela diz respeito ao imaginário da sociedade Natalense perante o bairro. É nesse fragmento que há uma concentração de crimes de violência letal intencional e outras tipologias de crime conduzido por organizações criminosas, e a partir desses eventos que ocorrem nesse recorte do bairro construiu-se a imagem estigmatizada de perigoso e degradante, comumente impulsionada por agentes midiáticos que retratam o local de forma tão precária quanto o é na realidade. A partir de tal visão, o bairro todo é categorizado de maneira simplista, sem levar em conta as nuances e variações que ocorrem no espaço.

Diante disso, esse é o fragmento mais suscetível ao julgamento e a taxaçãõ de inseguros. Essa imagem tem perpassado as fronteiras desse recorte e se espreado por toda a cidade, ou seja, a partir de um núcleo central - que é o bairro em questão - ocorreu a dispersãõ do discurso de violência e medo

do crime. Uma moradora desse recorte afirma: “Eu não tenho medo de andar aqui não (...), cresci aqui e nunca ninguém mexeu comigo”.

O que chama a atenção no relato da moradora é a ausência do medo, o que podemos relacionar com o hábito, com a naturalização da condição desse ambiente em que vive pela afetividade com o lugar. Sendo um dos bairros mais perigosos de Natal/RN, os moradores deveriam de fato ter medo? Pois apesar desse fragmento ser tratado como o mais perigoso, esse morador não tem medo de transitar no local.

A composição de formas e conteúdos tem influenciado a dinâmica da constituição do bairro Felipe Camarão. Essa divisão simbólica exemplifica a diversidade e complexidade do espaço no bairro, que pode ser constatada através do discurso propagado e das formas de segregação (material ou imaterial) que reconfiguram o território e agem como condicionantes. Podemos citar ainda a não-ausência do Estado no tocante a precariedade e falta de infraestrutura urbana, tendo em vista que o morador não exerce seu direito pleno à cidade e é mantido ilhado pelo Poder Estatal, onde as políticas públicas não se fazem presentes (na prática) para suprir as necessidades dos cidadãos.

Conclusão

A violência e o medo do crime têm-se tornado fatores determinantes e determinado as novas formas de organização espacial, pois os sujeitos existem e se estruturam de acordo com o que julgam ser “seguro”. Tal categorização contribui para a criação de ilhas de segregação, que são regidas pela utopia de segurança integral. Essa dinâmica influencia no fomento de territórios subordinados ao fenômeno da violência.

O medo do crime generalizado não está apenas na imaginação de todos. Esse medo encontra-se difundido no espaço na forma de histeria coletiva. Segundo Tuan (2005, p. 11), “a imaginação aumenta imensuravelmente os tipos e a intensidade do medo no mundo dos homens”. Discutiu-se aqui sobre o bairro Felipe Camarão, porém tal processo não se restringe a esse local. Esses eventos ocorrem de forma semelhante em outros bairros da capital, desta maneira, questões sobre a expansão da violência e medo do crime surgem e precisam ser sanadas. Desse modo, as ciências geográficas se mostram como um importante instrumento para a apreensão da realidade e a sua interação com o espaço, sendo esse um componente fundamental para elaboração de planejamento e políticas públicas efetivas.

5. Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**/Giorgio Agamben tradução de Henrique Burgo - Bela Horizonte: Editora UFMG, 2002. 207 p.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social: da violência visível ao invisível da violência**. [S.l.]: Cortez, 2004. 204 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BAYER, Hiram de Aquino; DANTAS, Eugênia Maria. Notas teóricas. Notas teóricas para o estudo do medo pela Geografia, **Cofins**, n. 36, p. 1-10, 16 mar. 2018.

BAYER, Hiram. **Pelos caminhos de um labirinto**: reflexões sobre as territorializações do medo no bairro de Candelária, Natal-RN. 2010. Tese (Mestrado em Geografia) - UFRN, [S. l.], 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21306>. Acesso em: 11 fev. 2019

CAPONI, Sandra. **A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos**. Santa Catarina. 2002.P.445-455

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2003.

CONCEITO DE MOVIMENTO SOCIOTERRITORIAL. Boletim **DATALUTA**, [S. l.], Fevereiro 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/78575859-Os-territorios-a-via-campesina-no-brasil-e-o-conceito-de-movimento-socioterritorial.html>. Acesso em: 22 mar. 2019.

DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Território e territorialidade: abordagens conceituais (parte II). [S. l.: s. n.], 2008. 20 p. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/organizacao_do_espaco/Org_Esp_A08_IBI_WEB_SF_SI_050808.pdf. Acesso em: 14 ago. 2019.

TERRITÓRIO, VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA SOBRE OS ÍNDICES DE HOMICÍDIOS NO BAIRRO DO PAAR EM ANANINDEUA-PA... [S.l.: s.n.], 2010. 12 p.

FREITAS, Alair Ferreira de. Por uma Abordagem Relacional do Desenvolvimento Territorial Rural. SciELO: Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba/SP, ano Nº 4, v. 54, p. 667-690, 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1234-56781806-94790540405>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032016000400667&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 22 ago. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópoli, RJ: Vozes, 2004

FILHO, Lauro Luiz Francisco. **A VIOLÊNCIA COMO DEGRADADOR DO ESPAÇO URBANO**. Pluris, [S. l.], 2010.

HAESBAERT, Rogério. **DOS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS À MULTITERRITORIALIDADE**. [S. l.], setembro 2004. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/17684632/dos-multiplos-territorios-as-multiterritorialidades>. Acesso em: 22 mar. 2019.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HERMES, Ivenio; (1967 –) Brandão, Thadeu. (1976 –) **Observatório Potiguar 2019**: O Mapa da Violência Letal Intencional do Rio Grande do Norte. – Natal/RN: Clube de Autores, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro editora, 2011.

MELARA, Eliane. **A dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Santa Maria - RS**. [S.l.: s.n.], 2008. 182 p.

MELGAÇO, LUCAS. **Securitização Urbana: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança**. 2009. 274 p. Dissertação (Doutorado em Geografia)- USP, São Paulo, 2010.

MARTINS, Thiago. **A precarização da vida e o Homo Sacer brasileiro: o alastramento da vida nua na sociedade do Brasil**. Minas Gerais- UENP. 2013. 125-136.

MINAYO, Maria Cecília. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. [S.l.], 2007. Disponível em: http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20/modulo_2/205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

MORAIS, Regis. **O que é violência Urbana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2016. v. 1, p. 8-22. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993. SANTOS, Luciana O. **O Medo Contemporâneo: Abordando suas diferentes concepções**. [S.l.: s.n.], 2003. 10 p

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O BAIRRO CONTEMPORÂNEO: ENSAIO DE ABORDAGEM POLÍTICA. **REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA**, Rio de Janeiro, v. 50, p. 139-171, 15 dez. 1988. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1989_v51_n2.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO. **CONHEÇA MELHOR SEU BAIRRO: Felipe Camarão**. Natal, 2012. Disponível em: https://natal.rn.gov.br/storage/app/media/sempla/Felipe_Camarao.pdf. Acesso em: 31 ago. 2022.

TENÓRIO, Inês de Moura; PIMENTEL, Melina. **CONCEITUANDO VIOLÊNCIA**. Disponível em: <http://portalsocial.sedsdh.pe.gov.br/sigas/ead/old/arquivos/tematica04/CONCEITUANDO%20A%20VIOLENCIA%20-%20TURMA%2008%20-%20TEXTO%201.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 200